

# A DEMOCRATIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM EM PROL DAS INFÂNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Kaliany Araujo Coqueiro<sup>1</sup>

Leticia Aparecida Gonçalves de Lara<sup>2</sup>

## RESUMO

Durante todo percurso da escolar, o sujeito vivencia diversas experiências dentro e fora da escola. Entretanto, pensando dentro, como tornar o percurso mais significativo, além de ir de em consonância com os documentos escolares. Isso é um desafio para as Escolas de Educação Infantil, junto às Secretarias de educação a fim de proporcionar uma relação sólida entre a teoria e prática. Logo, ao estudar os malefícios e os motivos de chegar a essa situação. Este artigo busca uma reflexão sobre a importância do contato com ambientes externos de qualidade, e o papel do arquiteto para tal construção. Consequentemente, chegando a conclusão que para um lugar democrático, é necessário a participação de toda a comunidade em volta, professores, gestores, alunos e equipe de apoio para pensar nas possibilidades de um lugar de aprendizagem relevante na vida dos estudantes. Para isso, foi feita uma pesquisa bibliográfica e documental, utilizando diretrizes, indicadores de qualidade e o currículo da cidade de São Paulo.

**Palavras-chave:** *Infância; espaço; pertencimento.*

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Pedagogia da Universidade Santo Amaro – Unisa, matriculado na disciplina de Trabalho de Conclusão, sob a orientação da professora Me. Ieda Maria da Silva Pinto Barbosa. E-mail: [kalyaraujo15@gmail.com](mailto:kalyaraujo15@gmail.com)

Data de entrega: 28/11/2023

<sup>2</sup> Discente do Curso de Pedagogia da Universidade Santo Amaro – Unisa, matriculado na disciplina de Trabalho de Conclusão, sob a orientação da professora Me. Ieda Maria da Silva Pinto Barbosa. E-mail: [leticialara.0197@gmail.com](mailto:leticialara.0197@gmail.com)

Data de entrega: 28/11/2023

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo trata da questão de como as estruturas dos espaços escolares podem interferir nos estudantes de Educação Infantil, com foco em buscar uma reflexão sobre a importância de desenvolver o sentimento de pertencimento, não só nos espaços internos, mas também externos.

Para assim, entender que a Escola é além de um espaço físico, um lugar. Com fundamento, em lugar e espaço, e em que medida a democratização dos espaços de aprendizagem podem contribuir para o desenvolvimento da criança na pré-escola. No qual a criança deve sentir-se acolhida.

Subsistem obstáculos de aspectos arquitetônicos, que afetam diretamente como o educador possibilita a utilização dos espaços, de modo que acarrete prejuízos ou benefícios, de acordo com o modo que o espaço está sendo utilizado, sendo capaz de prejudicar ou potencializar o processo de desenvolvimento dos discentes, dependendo se o espaço ofertado é adequado para a utilização.

É importante falar sobre democratizar os espaços no sentido de potencializar a curiosidade das crianças, proporcionar momentos, disponibilizar possibilidades para a criatividade, desenvolvimento, para que a criança possa realmente vivenciar a infância, colocando a criança como protagonista de sua aprendizagem.

Mesmo com avanços positivos no processo de ensino e aprendizagem, ainda se vê o ensino limitado às paredes da sala de aula e sabemos que a aprendizagem vai além, e existe necessidade de ultrapassar essas paredes. Com espaços adequados é possível total aproveitamento desses espaços.

Hoje vemos pré-escolas que são prédios, sem nenhum acesso a natureza, o que é de grande valia para os pequenos, principalmente nessa fase que explorar e descobrir estão a todo vapor. Destacamos que as informações aqui disponibilizadas foram obtidas por meio de pesquisas bibliográficas e documentais.

## 2. ESPAÇO *VERSUS* LUGAR

O ato de brincar, alimentar, andar e descobrir o mundo é uma inter-relação do sujeito com o ambiente, no ambiente. Segundo ESCOLANO e FRAGO (2001), "... a memória não registra a duração concreta... É pelo espaço, é no espaço que encontramos esses belos fósseis de duração concretados por longos tempos..." (FRAGO, 2001 p.62), ou seja, ao buscar recordar-se, para si mesmo, algo na memória, não há uma intenção em identificar o tempo, e sim, vivenciar a ação novamente. Por isso, discutir sobre a arquitetura escolar auxilia compreender quais fósseis serão encontrados nas mentes das crianças.

Em vista disso, pensar na estrutura do espaço, é questionar qual lugar a Escola tem na vida dos estudantes. Segundo a linguística, o signo é a união indissociável

entre o significante e o significado, no qual o primeiro está relacionado ao termo em si, enquanto o segundo seria a própria ideia ou objeto a que se refere. Logo, o espaço e lugar apesar de estar correlacionados, não só apresentam significantes distintos, mas significados também.

Dessa maneira, o gestor e/ou educador ao buscar conceituar as diferenças, possibilita reinterpretar a Escola, pois depende da prática pedagógica, poderá ser só um espaço ou um lugar durante a trajetória escolar do aluno. Conforme colocado por Cunha;

A compreensão dos significados desses termos não leva apenas ao emprego gramatical correto dos mesmos nos textos produzidos; essa compreensão encaminha para reflexões importantes que envolvem os significados e imbricação dos termos nas estruturas sociais de poder (CUNHA, 2008 p. 183).

Portanto, para discutir esses conceitos, a corrente utilizada foi da Geografia Humanista, no qual defende o espaço está relacionado, diretamente, ao meio físico. Onde o sujeito vivencia suas experiências, em outras palavras, o espaço é a oferta da possibilidade. Enquanto, o lugar seria a transformação do espaço, de forma potencializado, no qual estabelece sentidos para o sujeito.

Desta maneira, encontramos o lugar no espaço social aquele que foi socialmente construído fruto das apropriações da natureza e pelos modos de trabalho nomeados por significados compartilhados pela própria cultura configurado pelo gesto das instituições ao legitimar o espaço vivido observado pelas experiências acumuladas pelo conhecimento da Humanidade. (DOMINGOS e MARIANO, 2023, p.139).

Sendo assim, o espaço torna-se lugar quando o indivíduo e/o grupo atribui o valor aquele ambiente. “É através da produção de Tuan que o lugar deixa de ter uma conotação espacial e agrega a experiência vivida dos sujeitos como forma de configuração da realidade”. (SASAKI, 2010 p.116).

Contudo, o acesso ao lugar é a junção entre o espaço e tempo, no qual é necessário que seja ofertado o espaço (estrutura adequado), mas também disponibilizar um tempo (prática pedagógica) onde o aluno possa vivenciar e sentir-se parte disso. De acordo com ESCOLANO e FRAGO:

Há muitas maneiras de impedir ou proibir, mesmo sem fazê-lo de forma expressa. Basta que se ocupem todos os espaços e todos os tempos. Um projeto totalitário seria aquele que os indivíduos, isolados ou em grupos, não dispusessem de espaços ou tempos”. (ESCOLANO e FRAGO, 2001 p.61).

Logo, o espaço proporciona uma leitura não-verbal sobre qual é a visão da escola, de estudantes, e quais valores querem passar. Pois o simbolismo exposto nas grades, na falta de espaços externos e no pouco ou extinto contato com a natureza, possibilita detectar em qual lugar pretende ofertar aos discentes.

O espaço comunica; mostra, a quem sabe ler, o emprego que o ser humano faz dele mesmo. Um emprego que varia de cada cultura; que é um produto

cultural específico, que diz a respeito não só às relações interpessoais – distancias, território pessoal, contatos, comunicação, conflitos de poder-, mas também a liturgia e os ritos sociais, á simbologia das disposições dos objetos e dos corpos – a localização e posturas-, á sua hierarquia e relações. (ESCOLANO e FRAGO, 2001 p.161).

### 3. PERTENCER OU ESTAR

Desde a Primeira Revolução Industrial, a quantidade de pessoas que migraram das regiões rurais foi bastante significativa. Segundo um estudo divulgado pela Embrapa, em 2017, 84,3% de brasileiros vivendo em regiões urbanas, totalizando 160 milhões de pessoas. O processo de urbanização não planejada acaba gerando consequências em diferentes dimensões para as crianças nos centros urbanos, como descrita por ELALI (2003).

[...] socioeconômica, a socioafetiva (tanto pela convivência apenas com a família nuclear com poucos filhos, quanto pela desestruturação familiar), a de espaço físico (diminuição do espaço da habitação e do contato com a rua), a de tempo livre (nas classes mais favorecidas seu tempo é tomado por atividades didáticas e formação complementar, e naquelas menos favorecidas pela participação no mercado de trabalho) e a da natureza (contato com elementos naturais como água, terra, plantas e animais). (ELALI, 2003 p.31).

O ambiente escolar é um espaço no qual, espera-se, que o individuo permaneça por anos. Logo, a forma como o ambiente é pensado torna-se de suma importância, pois poderá ajudar ou dificultar os estudantes desenvolverem-se suas potencialidades. Por isso, pensando como a Educação infantil acompanha de um momento importante na vida do ser humano, e estruturar um espaço que contemple um desenvolvimento saudável, permitirá benefícios em longo prazo.

Portanto, no contexto atual, a escola apresenta-se como um dos poucos lugares no qual a criança tem acesso de forma expressiva, porem algumas Instituições de Educação Infantil (IEI) suas estruturas vêm de adaptações ou estabelecimentos já existentes (Souza, Fabiana, et al, 2005), assim gerando consequências negativas.

A aceitação da necessidade de um espaço e de um edifício próprios, especialmente escolhidos e construídos para ser uma escola, foi historicamente o resultado de confluências de diversas formas e tendências. Algumas mais amplas, de caráter social, como a especialização ou segmentação das diversas tarefas ou funções sociais e autonomia das mesmas [...] Da mesma maneira que para ser professor ou mestre não servia qualquer pessoa, tampouco qualquer edifício ou local servia para ser uma escola. (ESCOLANO; FRAGO, 2001 p.73).

De acordo com o Censu Escolar, do ano de 2017, 25% das escolas públicas possui áreas verdes, e 27% parques. Tendo em vista, que os Indicadores de Qualidade de Educação Infantil (Brasil, 2009 p. 50), define o contato com a natureza um critério de qualidade. Pois tendo acesso ao meio, poderá construir uma relação íntima, não uma dicotomia. Algo perpetuado por uma visão antropocêntrica, onde o ser humano afasta-se da natureza, e a recorre apenas como um recurso inesgotável (TIRIBA, 2010).

Sendo assim, refletir sobre a prática pedagógica de como aproveitar os espaços para garantir que a criança, ser que está vivenciando as primeiras sensações e impressões sobre o mundo que a cerca, terá um impacto profundo, porque o mediador precisa oportunizar o acesso para que o vínculo seja criado.

No entanto, se não há estruturas arquitetônicas para usufruir, vale de nada a reflexão do professor. Portanto, compreendendo que o pertencimento sobre a natureza dá-se através de um conjunto de aspectos.

O lugar está relacionado ao pertencimento. Pertencimento escolar refere-se na identificação, no senso de conexão que a criança tem com a escola. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), fala de eixos estruturantes da Educação Infantil, onde seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento devem ser assegurados. Conviver. Brincar. Participar. Explorar. Expressar. Conhecer-se

As experiências das crianças em seu contexto familiar, social e cultural, suas memórias, seu pertencimento a um grupo e sua interação com as mais diversas tecnologias de informação e comunicação são fontes que estimulam sua curiosidade e a formulação de perguntas. O estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais, de fazer uso de tecnologias de informação e comunicação possibilita aos alunos ampliar sua compreensão de si mesmos, do mundo natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza. (BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018, p. 60)

As possibilidades que as crianças possuem as tornam pertencentes ao lugar. “A escola é um lugar onde se aprende a conduzir a existência.” (Currículo da Cidade: Educação Infantil, 2019, p. 23).

#### **4. ESTRUTURA ESCOLAR E COMO A CONSTRUÇÃO IMPACTA NA UTILIZAÇÃO POSTERIOR?**

O Censu escolar apresentou no ano de 2019, crianças de 0 a 6 anos, matriculadas em escolas de educação infantil aumentou 167,8 mil a mais que no ano anterior. Assim sendo, uma conquista social, porque, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o Estado tem o dever de proporcionar atendimento gratuito para as crianças dessa faixa etária. Porém com o crescimento significativo de vagas, surge outra indagação; quais são as condições dos espaços ofertados?

Pois, segundo a própria LDB, outro dever do Estado, é disponibilizar um ensino com padrões mínimos de qualidade. Logo, repensar na estrutura escolar é de caráter pedagógico e político.

Para que se transforme em um ambiente que potencialize a autonomia e a independência dos bebês e das crianças, independente da faixa etária, o ambiente externo precisa ser considerado como parte integrante do currículo. É importante essas áreas serem livres e descobertas, para proporcionar aos bebês e crianças diariamente contato com o sol, em

horários adequados, e com outros elementos da natureza. (Padrões básicos de qualidade da Educação Infantil Paulistana: orientação normativa nº 01/2015 / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME/ DOT,2015, p. 32)

O fato de algumas escolas serem adaptações de locais que não tinham, por sua essência, ser palco da educação formal. É uma característica comum desde século XVIII. “Essas escolas funcionavam em espaços improvisados, como igrejas, sacristias, dependências das Câmaras Municipais, salas de entrada de lojas maçônicas, prédios comerciais, ou na própria residência dos mestres” (FILHO e VIDAL, ANO, p. 21).

Sendo conhecida por escolas improvisadas, onde o responsável por ministrar a aula, ou seja, o professor tinha vínculo direto com Estado, pois o próprio nomeava para essa função. Logo, diferenciando do ensino doméstico, pois apesar de também serem realizados em espaços improvisados, o responsável tanto pelo pagamento, quanto pelo profissional era a própria família.

Em vista disso, a falta de ambientes externos nas unidades de ensino (U.E.) foi possível identificar três circunstâncias. Aquelas que não foram pensadas para tal finalidade, e por seguinte, ou não acontece reforma para adquirir esses meios físicos ou, simplesmente, a estrutura não permite\* a construção. Sendo assim, tornam-se os ambientes externos cada vez mais extintos nas (U.E.).

Contudo, outra questão, é a formação dos profissionais responsáveis pela construção desses edifícios, pois dependendo do modelo de escola que o profissional tem na mente, como salas e mais salas, como janelas acima da visão da criança, sem iluminação e sem ambiente de contato com a natureza causam consequências negativas, o papel desse profissional é tão importante, que um estudo divulgado pela Universidade de Salford, no Reino Unido, constatou que quando bem projetado o rendimento acadêmico dos estudantes pode ampliar em 2%.

E, também, indo contra o inciso X, do artigo 9º da das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI). “promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais”.

Por outro lado, ao analisar as edificações, não deve esquecer-se do momento histórico da época, pois o modelo é construído a partir de ideais político-ideológico, então, a estrutura expressa as concepções de educação, estudante e como o professor deve trabalhar no processo de ensino e aprendizagem. Desse modo, os ritmos das tendências pedagógicas e das edificações são distintos.

Podemos usar o espaço como um terceiro professor [...] o espaço não pode lutar contra o ensino, mas sim tornar-se apoio do mesmo, todo esforço deve ser reunido na intenção de formar o melhor possível a criança, minimizando ou de preferência excluindo as barreiras ao aprendizado. (SEBASTIÁN-HEREDERO e ZILIANI, 2022, p.5).

Dessa forma, para a criação de uma U.E, requer um trabalho interdisciplinar, no qual todos visem um objetivo maior, a promoção de um ensino de qualidade.

Compreender que a arquitetura escolar é uma peça importante do currículo, pois é através dele que a execução do sujeito acontece.

A diferença entre os ideários pedagógico e arquitetônico impede um melhor diálogo entre essas áreas, pois a primeira preocupa-se exclusivamente com as relações ensino-aprendizagem, enquanto a segunda centra-se na geração de um invólucro construído (ELALI, 2003, p.311)

Como são desenvolvidos os projetos arquitetônicos escolares? Essa pergunta é uma boa reflexão, para ser pensada, em como os espaços escolares são pensados para uma utilização que contribua para uma aprendizagem de qualidade, onde as crianças possam vivenciar a infância. Essas construções, são pensadas por especialistas? As pessoas da área, são ouvidas?

Existem modelos de Centros Educacionais que respondem a essas perguntas. Como por um exemplo, os Centros Integrados de Educação Pública – CIEPs. Criado por Darcy Ribeiro, na época que era Secretário de Educação no Rio de Janeiro, Sob o governo de Leonel Brizola. Menezes, afirma que: "Alguns estudiosos, acreditam que, para criar os CIEPs, Darcy Ribeiro havia se inspirado no projeto Escola-Parque de Salvador, de Anísio Teixeira, datado de 1950". O CIEPs, foi criado pensado para atender uma realidade social ignorada; os centros funcionavam de modo integral, para atender as necessidades e interesses das crianças das classes populares. Segundo, Menezes: "A ideia dos CIEPs considerava que todas as unidades deveriam funcionar de acordo com um projeto pedagógico único e com uma organização escolar padronizada, para evitar a diferença de qualidade entre as escolas".

O grande feito do governo Leonel Brizola foi elaborar o Programa Especial de Educação com a participação de todo o professorado do Rio de Janeiro. Com esse objetivo, realizou-se um verdadeiro anti congresso destinado a debater e revisar um corpo de teses elaborado pela Comissão Coordenadora (Ribeiro, 1986, p. 16).

Há quase quatro décadas, pensava-se em ouvir as pessoas da área para pensar os prédios arquitetônicos, popularmente conhecido como Brizolões, os prédios CIEPs, foram projetados por Oscar Niemeyer, um dos principais arquitetos do século XX. Ribeiro, constatou: "Em um verdadeiro anti congresso de características inéditas no país, os professores discutem amplamente os problemas educacionais para traçar os contornos de uma nova dinâmica de ensino".

Apesar de receber muitas críticas, os CIEPs, era um projeto com características que valorizavam e priorizavam o fazer pedagógico. Os docentes eram ouvidos e especialistas faziam parte das escolhas e os discentes e eram prioridades. As construções pensadas também, no posterior, de como será sua utilização e se atenderá as necessidades das crianças, é primordial.

## **5. DEMOCRATIZAÇÃO DA PRÁTICA**

Democratizar os espaços, é torna-los acessíveis. As crianças devem fazer parte das escolhas para os espaços, onde elas serão os protagonistas do brincar. Na

educação infantil, cuidar, educar e brincar é uma tríplice, elementos que pulsam uma escola da infância. E o que faz pulsar o cotidiano da educação infantil, as crianças. E porque não, essas fazerem parte, uma escuta ativa é necessária, para escutar com atenção os discentes, suas necessidades e escolhas.

Escutar significa precisar da contribuição do outro. Não basta haver interesse, motivação, convicção de que seja uma boa técnica para envolver as crianças; é preciso sentir, sincera e urgentemente, essa necessidade. É necessário precisar das crianças. (TONUCCI, 2005, p. 180).

O diálogo precisa acontecer, para que essa escuta seja efetiva. Nessas conversas as crianças trazem ideias, e esses momentos de diálogos podem acontecer em diferentes espaços da unidade escolar. As crianças tem criticidade, elas colocam suas opiniões sinceras e suas observações. Na qual o adulto fará constatações, o que o levará a tomadas de atitudes.

Escutar as crianças nos vários espaços e levar a sério seus questionamentos e ideias é preconizar o desenvolvimento da autonomia delas e expandir suas possibilidades de participação no mundo social, nossa tarefa primeira. Porque ser humano significa em princípio, ser sujeito de escolhas, que devem se dar no âmbito da tomada de consciência. (HARMBACH, 2023, p. 49).

Todo o diálogo deve ser registrado, onde as temáticas levantadas são levadas a equipe gestora. As falas das crianças podem servir para discussões com o Conselho de Escola, que contemple as demandas das crianças. E para que isso ocorra, é necessário que professores, gestão e a comunidade escolar como um todo saiba verdadeiramente o que é a infância e o que realmente poder vivencia-la de forma plena.

O interesse da criança por formas, sons, gestos, afazeres, cores, sabores, texturas, assim como suas perguntas sem fim, sua vontade de tudo agarrar e examinar, e seu amor às miniaturas que comportam o grande em menor tamanho, podem ser traduzido por um desejo de se intimidar com a vida. É um intimidar para conhecer, pertencer, fazer parte, estar junto daquilo que a constitui como pessoa. (PIORSKI, 2016, p. 63).

Os espaços devem ser preocupados para com as crianças e atender suas necessidades. O lugar que a criança ocupa deveria estar na prioridade da escola. As intencionalidades educativas, necessitam estar organizadas para que ocorram transformações, para garantir a aprendizagem.

Ocupar o espaço fisicamente de maneira coletiva traz visibilidade à infância e o questionamento sobre a necessidade da reorganização da comunidade, do bairro e da cidade para receber as crianças e acolher suas necessidades e especificidades. É necessário principalmente observar, ouvir as crianças. (HARMBACH, 2023, p. 104).

Com espaços adequados é possível total aproveitamento desses. Mas, existem elementos primordiais para que esses espaços sejam estruturados para transformações, como, acesso a natureza, materiais não estruturados, entre outros, que não seja um espaço exclusivo para brincadeiras, mas para a criança explorar, descobrir e conhecer a si mesma e seu entorno.



O espaço externo deve ser preparado para a criação de brincadeiras com recursos naturais, como folhas, árvores, areia, pedrinhas, pinhas. É parte da vida saudável de bebês e crianças o contato com a natureza: ouvir histórias e brincar na sombra das árvores, fazer cidades e estradas no tanque de areia, escalar uma escada de corda amarrada a um galho de árvore, brincar com objetos ao vento, barro, terra e água. (SÃO PAULO, 2019, p. 97).

Os espaços precisam ser democráticos, entendendo que o espaço é uma ferramenta para uma aprendizagem significativa, e saber que o pulsar do cotidiano de uma escola que realmente vivência a infância não se limita às paredes da sala de aula, vai além, é fundamental ultrapassar essas paredes e abrir caminhos para a natureza, o imaginário e o brincar.

Produzir e brincar com objetos ao vento (pipa, biruta, cata-vento), lavar os brinquedos, participar de jogos de movimento ou simplesmente observar a natureza, ouvir um canto de pássaro, visitar as flores do jardim, acompanhar o crescimento das verduras na horta ou de uma planta. (SÃO PAULO, 2019, p. 97).

O espaço escolar precisa proporcionar um ambiente de aprendizado propício, onde as crianças desenvolvem todo seu corpo, gestos e movimentos. Onde o professor, é o mediador de novas descobertas, não restringindo os discentes, estes necessitam explorar e conhecer, pertencendo e conduzindo fio que conduz sua infância.

## **6. MALEFÍCIOS DE UMA MÁ UTILIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM**

Os espaços de aprendizagem condizem muito com o desenvolvimento que a criança irá alcançar, se esses espaços proporcionados forem adequados para a utilização, essa aprendizagem será significativa, onde a criança internalizará com integralidade, o processo educativo. Porém, se os espaços não forem adequados para promover uma aprendizagem significativa, haverá malefícios, onde uma apropriação de uma aprendizagem significativa não ocorrerá de forma integral. "Os ambientes externos devem ser planejados e organizados com criatividade e sensibilidade para propor desafios e descobertas valorizando a potência criadora dos bebês e das crianças" (Padrões básicos de qualidade da Educação Infantil Paulista: orientação normativa nº 01/2015/ Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME/ DOT, 2015, p. 32)

Os espaços externos também necessitam contribuir para com os momentos, tanto para os de aprendizagem com intervenções, quanto com o brincar livre. Disponíveis para uma utilização múltipla, que proporcionem experimentação, socialização e ludicidade, e o parque é um grande aliado.

O brincar, para a criança, é muito importante e não pode ser cercado, limitado pela pobreza de espaço e material e pela falta de interações do adulto durante as brincadeiras. O parque infantil é um espaço riquíssimo para invenções, imaginação e fantasia e para ampliar experiências das crianças. (Brasil.)

Um dos benefícios que a utilização plena dos espaços traz, é a função social. Momentos que proporcionam oportunidades de compartilhamento de conhecimentos, onde as crianças expressam-se juntamente com outras, o que no dia a dia, se torna parte do cotidiano, possuindo assim, vivências de interação e de infância.

Vindos de diferentes experiências em espaços privados, os bebês e as crianças encontram-se na escola e iniciam as suas jornadas na Educação Infantil ampliando e pluralizando as suas expectativas humanas. Os bebês e as crianças aprendem especialmente ao estabelecer interações e ao realizar brincadeiras. (Currículo da Cidade. Educação Infantil, 2022, p. 20)

E é no cotidiano dos decorreres dos dias, que percebe-se a importância dessa utilização benéfica que o espaço traz. Onde a criança vivencia grande parte de sua infância.

Se pode educar na natureza até em lugar "menos natural", mesmo rodeado de concreto e asfalto; a única coisa de que se necessita é um pouco de sensibilidade para o meio, e sempre encontraremos alguma ocasião para inculcir em nossos alunos o amor pela natureza (Bardanca, 2018, p. 64).

Sentir algumas práticas realmente fazem parte do cotidiano, que faz pulsar uma escola de Educação Infantil. É no deitar na grama para observar as nuvens, é no fechar os olhos no tanque de areia, para sentir a brisa suave, no banho de mangueira, é no brincar na terra, explorar a natureza, mas, principalmente no brincar livre. São essas atividades, hora dirigida, hora não, que faz parte de uma aprendizagem significativa.

No entanto, raramente os ensinamos a valorizar a beleza cotidiana, essa que nos surpreende ao amanhecer do dia, em um campo, em uma frase dita, em um gesto [...] É por isso que, sem ter que realizar nada especial – nenhuma unidade didática, nenhum projeto -, sempre incorporamos, em nossa prática, o olhar para a beleza cotidiana. (Bardanca, 2018, p. 65).

É provável que isto é um propósito, mas, para sermos capazes de contemplar o encanto do cotidiano, devemos praticar demasiado o observar, e isso jamais se alcança em um dia, é dedicação, tenacidade e singeleza. O essencial, o básico, o apreciável, sem muitos enfeites, bem concluído conforme uma ação prazerosa, pode gerar muitos mais benefícios, para a criança e para a criatividade que qualquer outra atividade.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Falar sobre a estrutura física das escolas de educação infantil, é necessário. Pois um termo considerado apenas da área arquitetônica, se mal estruturado, afeta diretamente na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças. Se o espaço proporcionado não for adequado, como as crianças alcançarão uma infância significativa na escola de Educação Infantil?

A princípio discutir sobre algo que já está ao alcance, mesmo que precariamente,

pode parecer inviável mas, compreender como as estruturas dos espaços escolares podem interferir nos estudantes de educação infantil é primordial. Além disso um prédio construído não pensado para a infância, traz prejuízos incalculáveis, os quais podem apresentar fora da primeira infância, trarão consequências na alfabetização, como por exemplo.

Portanto, buscar reflexões sobre a importância de desenvolver o sentimento de pertencimento, é relevante mas, como as crianças criam esse vínculo, se ao menos nem o espaço é pensado para elas? E esse sentimento, precisa estar, não só nos espaços internos, mas também externos. Ofertando o espaço (estrutura adequado) e disponibilizando um tempo (prática pedagógica) onde o aluno possa desenvolver marcos dos desenvolvimentos, são benefícios, que proporcionados adequadamente, trarão aprendizagem significativa, onde a criança será protagonista de seu desenvolvimento.

Para que estes espaços sejam reformulados e realmente pensado para as crianças, é necessário haver formações para que os professores propiciem estes espaços de forma democrática, pois, estes espaços de aprendizagem contribuem para o desenvolvimento da criança na pré-escola. Nesse viés, a formação de professores também deve estar em constante, para que o educador esteja sempre em busca constante de aprimoramento e conhecimento.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos ao nosso amigo Teixeira. Por despertar em nosso âmago, o interesse em saber sobre os espaços escolares, e como estes precisam ser pensados para os discentes para uma aprendizagem significativa. Somos imensamente gratas por todos os conselhos e observações e questionamentos.

Gratidão às amigas Michelle e Isabele. Por toda troca e compartilhamento de experiências, de olhares de criticidade e de conhecimento. Somos gratas, por todo acolhimento e cumplicidade durante nossas conversas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bardanca, Á. A. Os Fios da Infância; tradução Tais Romeiro. – São Paulo: **Phorte**, 2018.

Bardanca, Á. A. O Pulsar do Cotidiano de uma Escola da Infância. Tradução Goal Translations (Firma). 1 ed. – São Paulo: **Phorte**, 2020.

BRASIL, Ministério da Educação. Indicadores da Qualidade na Educação Infantil. **Secretaria da Educação Básica**. Brasília, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação. Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil. **Secretaria da Educação Básica**. Brasília, 2009.

Brasil, Ministério da Saúde. Primeira Infância. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saud-de-a-a=z/s/saude-da-crianca/primeira-infancia#:~:text=A%20primeira%20inf%C3%A2ncia%2C%20de%20zero,adolesc%C3%A2ncia%20e%20na%20vida%20adulta..> Acesso em 20 de set de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Organização do espaço físico, dos brinquedos e materiais para bebês e crianças pequenas: manual de orientação pedagógica: módulo 4** / Brasília: MEC/SEB, 2012.

CUNHA, M. I. “Os Conceitos de Espaço, Lugar e Território nos Processos Analíticos da Formação dos Docentes Universitários”. **Educação Uninos**. São Leopoldo. 2008. p. 182-186 disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4496/449644447004.pdf>. Acesso em: 01 de out de 2023.

DOMINGOS, E. L.; MARIANO, N. F. O Lugar e a Paisagem Como Desafios e Perspectivas Culturais nas Aprendizagens. **Anais do IV Colóquios de Política e Gestão da Educação** - n.4, p.135-146. 2023.

ELALI, G. A. O Ambiente Na Escola: Uma Discussão Sobre a Relação Escola–natureza em Educação Infantil. **SCIELO**. p. 309-319. 2003.

EMBRAPA. Mais de 80% da população brasileira habita 0,63% do território nacional. 2018. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/28840923/mais-de-80-da-populacao-brasileira-habita-063-do-territorio-nacional#:~:text=As%20%C3%A1reas%20consideradas%20urbanas%20no,urbanas%20j%C3%A1%20feito%20no%20Pa%C3%ADs.> Acesso em 21 de set de 2023.

FAJARDO, V. “Maioria das pré-escolas públicas não tem parquinho, área verde e pátio coberto”. **Jornal G1**. 15 de nov. de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2018/11/15/maioria-das-pre-escolas-publicas-nao-tem-parquinho-area-verde-e-patio-coberto.ghtml>. Acesso em 23 de set de 2023.

FRAGO, V. A.; ESCOLANO, A. “Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa”. Rio de Janeiro -2ª edição. 2001. p. 61 a 79.

FILHO, L. M; VIDIGAL, D. G.; Os Tempos e os Espaços Escolares no Processo de Institucionalização da Escola Primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. p.19-34. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782000000200003>. Acesso em: 1 de out de 2023.

Harmbach, M. C. Gestão democrática: minúcias, dizeres e fazeres do Conselho Mirim na Educação Infantil. – 1 ed. - São Paulo, 2023.

Magistério/ Secretaria Municipal de Educação. **80 anos da Educação Infantil na Rede Municipal de Ensino de São Paulo** – São Paulo: SME/ DOT, 2015

MENEZES, E. T. Verbete CIEPs (Centros Integrados de Educação Pública). **Dicionário Interativo da Educação Brasileira** - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <https://www.educabrasil.com.br/cieps-centros-integrados-de-educacao-publica/> . Acesso em 25 nov 2023.

Piorski, G. **Brinquedos do Chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Peirópolis, 2016.

Ribeiro, D. O livro dos CIEPs. Rio de Janeiro: **Bloch**, 1986.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da Cidade: Educação Infantil**. – 2 ed. – São Paulo: SME/ COPED, 2022.

SASAKI, K. A contribuição da geografia humanística para a compreensão do conceito de identidade de lugar. **Universidade Salvador**. Salvador. 2010. p. 112 a 120. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/1524>. Acesso em 05 de out. De 2023.

SOUZA, F.; et al. "Contribuições para o projeto de ambientes destinados para a educação infantil". **II Seminário Sobre Ensino e Pesquisa em Projeto de Arquitetura**. p.1-13. 2005. Disponível em : [http://projedata.grupoprojetar.ct.ufrn.br/dspace/bitstream/handle/123456789/267/180%20SOUZA\\_FS%20et%20al.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://projedata.grupoprojetar.ct.ufrn.br/dspace/bitstream/handle/123456789/267/180%20SOUZA_FS%20et%20al.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em 01 de out de 2023.

TIRIBA, L. “Crianças da natureza”. **Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento**. Belo Horizonte. p. 2–15. 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-%20pdf/7161-2-9-artigo-mec-criancas-natureza-lea-tiriba/file>. Acesso em: 21 de set. de 2023.

ZILIANI, V. C.; SEBASTIAN-HEREDERO, E. Espaço Escolar e a Qualidade da Educação: Uma Revisão da Legislação Brasileira. **Revista online de Política e Gestão Educacional**. Araraquara, v. 26. p.1-18. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22633/rpge.v26i00.16752> . Acesso em 10 de out. De 2023